

ANÍSIO TEIXEIRA, MÁRIO DE ANDRADE: “exílios” e (des)encontros

Giovanna de Souza Corbucci¹ , Diana Gonçalves Vidal² 

RESUMO

Neste artigo, exploramos caminhos que levaram ao possível (des)encontro entre dois importantes intelectuais do século XX – Mário de Andrade e Anísio Teixeira – durante os anos 1930. Este fundou a Universidade do Distrito Federal, em que aquele foi convidado a lecionar em 1938, momento de seu “exílio no Rio” (Castro, 1989). No entanto, eles não parecem ter se visto pessoalmente durante os anos em que lecionaram na UDF, pois, a partir de 1935, Anísio teve de se “exilar” devido à perseguição que ocorria aos intelectuais considerados de esquerda. O educador passou dez anos em Caetité (BA), dedicado à tradução e aos negócios familiares. A partir de um cruzamento entre epistolografia, história oral e revisão bibliográfica, buscamos reconstruir as vivências de Anísio e Mário, enquanto “exilados” no Estado Novo, observando suas peculiaridades, bem como suas relações com experiências transnacionais ou outros autores, a fim de traçar (ou não) redes de sociabilidade entre eles.

Palavras-chave: exílio; experiências (trans)nacionais; Universidade do Distrito Federal; redes de sociabilidade.

ANÍSIO TEIXEIRA, MÁRIO DE ANDRADE: “exiles” and (mis)encounters

ABSTRACT

In this article, we explore the paths that led to the possible (mis)encounter between two important intellectuals of the 20th century – Mário de Andrade and Anísio Teixeira – during the 1930s. The latter founded the University of the Federal District, where the former was invited to teach in 1938, during his “exile in Rio” (Castro, 1989). However, they do not seem to have met in person during the years they taught at UDF, as from 1935, Anísio had to go into “exile” due to the persecution of intellectuals considered left-wing. The educator spent ten years in Caetité (BA), dedicated to translations and his family business. Through a combination of epistolary, oral history, and bibliographic review, we seek to reconstruct the experiences of Anísio and Mário, while “exiled” in the Estado Novo, observing their peculiarities, as well as their relationships with transnational experiences or other authors, in order to trace (or not) networks of sociability between them.

Keywords: exile; (trans)national experiences; University of the Federal District; networks of sociability.

¹ Instituto de Estudos Brasileiros

² Universidade de São Paulo – USP

Autor Correspondente: Diana Vidal

E-mail: dvidal@usp.br

Recebido em 18 de Setembro de 2023 | Aceito em 25 de Outubro de 2023.

ANÍSIO TEIXEIRA, MÁRIO DE ANDRADE: “exílios” y (des)encuentros

RESUMEN

En este artículo, exploramos los caminos que llevaron al posible (des)encuentro entre dos importantes intelectuales del siglo XX – Mário de Andrade y Anísio Teixeira – durante los años 1930. Este último fundó la Universidad del Distrito Federal, donde el primero fue invitado a enseñar en 1938, durante su “exilio en Río” (Castro, 1989). Sin embargo, no parece que se hayan visto en persona durante los años en que enseñaron en la UDF, ya que a partir de 1935, Anísio tuvo que exiliarse debido a la persecución de los intelectuales considerados de izquierda. El educador pasó diez años en Caetité (BA), dedicado a traducciones y negocios familiares. A través de una combinación de epistolografía, historia oral y revisión bibliográfica, buscamos reconstruir las vivencias de Anísio y Mário, mientras estaban “exiliados” en el Estado Novo, observando sus peculiaridades, así como sus relaciones con experiencias transnacionales u otros autores, con el fin de trazar (o no) redes de sociabilidad entre ellos.

Palabras clave: exilio; experiencias (trans)nacionales; Universidad del Distrito Federal; redes de sociabilidad.

INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato diz, em carta a Anísio Teixeira, criticando os intelectuais renovadores brasileiros dos anos 1920, signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932):

Eles não entendem a vida, Anísio. Eles não conhecem, senão de nomes, aqueles píncaros (Dewey & Co.) por cima dos quais você andou e donde pôde descortinar a verdade moderna. Só você que aperfeiçoou a visão e teve o supremo deslumbramento, pode, neste país, falar de educação. (Lobato *apud* Nunes, 2000, p. 427).

As palavras de Lobato revelam parte da experiência transnacional de Anísio. De 1927 a 1929, ele estudou no Teachers College da Universidade de Columbia, em Nova York. Lá, teve contato com ideias de pensadores norte-americanos, sobretudo John Dewey, que marcaram profundamente seu modo de pensar a educação. Antes disso, havia ido à Europa, também para estudar. Isso revela, para além do esforço de estudo e pensamento “sem fronteiras” que marca toda sua trajetória de vida, sua condição social, enquanto filho de Deocleciano Pires Teixeira, médico e comerciante de ametistas na Bahia, e Anna de Souza Spínola, descendente dos Spínolas, proprietários de terras e influentes politicamente em Caetité (BA).

Os anos de Teixeira em Nova York antecederam sua vinda para a então capital federal, o Rio de Janeiro, em 1930, ano de falecimento de seu pai. Por quatro anos, de 1931 a 1935, atuou como Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. Nessa época, a centralização do poder relacionado à educação no país ainda estava em disputa e, em 1931, Pedro Ernesto tornou-se prefeito da cidade, cargo que assumiu, com interrupções, até 1936. Sua gestão foi breve, em grande medida, por desafiar as pretensões unificadoras de Vargas e por seus ideais serem considerados de esquerda, ao priorizarem pautas como a educação, a saúde e a cultura, sob o lema “justiça, honestidade e trabalho” (Nunes, 2000, p. 469).

O período era politicamente turbulento. No contexto escolar e acadêmico, não era diferente. Em 1935, depois de fazer uma série de mudanças na educação básica da cidade, Anísio fundou a Universidade do Distrito Federal, com uma proposta inovadora, dedicada à formação de professores de diferentes graus de ensino. Peres (2020) aponta que a proposta do Instituto de Artes da instituição pode ser considerada “modernista”, pelo fato de o corpo docente ser composto por professores vinculados a esse movimento artístico, como Cândido Portinari, e pela possibilidade de observar professores que propunham, em uma

relação próxima com os alunos, um pensamento estético atrelado à prática e à experiência. Em 1938, Mário de Andrade é convidado para trabalhar lá como professor de História e Filosofia da Arte, disciplina criada por ele mesmo, em que aborda diferentes aspectos da experiência estética, destinada à formação de professores.

Embora “Teixeira nunca tivesse demonstrado especial interesse pelas concepções elaboradas por Dewey acerca da experiência estética” (Barbosa, 2011, p. 57), é possível localizar, no projeto e no currículo da UDF apropriações da teoria de Dewey levadas à frente pelo educador, sobretudo a que afirma a importância da educação a partir da experiência, e não somente da erudição livresca, além da ênfase dada à formação profissional. Em manchete da *Gazeta de Notícias* sobre a sua inauguração, lê-se que:

Integrando em seu seio a Escola de Professores do Instituto de Educação, a principal finalidade da Universidade é, de acordo com o previsto no seu artigo 2º, incentivar a cultura da comunidade brasileira e a pesquisa literária, científica e artística pelo ensino regular de suas escolas, formar profissionais e técnicos nos vários ramos de atividade e promover formação do magistério em todos os seus graus (GAZETA DE NOTÍCIAS, 05/04/1935, p. 8).

A Universidade, no entanto, tem curta existência, pois foi tomada pelas aspirações autoritárias de Vargas, intensificadas a partir de 1935. O prefeito Pedro Ernesto é preso, por associação a “ideais subversivos” e suposta adesão aos ideais do Partido Comunista. Nesse ano, Teixeira é forçado a se “exilar”, devido à perseguição que começa a sofrer por constar no rol dos intelectuais de inspiração socialista, ainda que fizesse incessante defesa da democracia. Primeiro, vai para Santos, com salvo-conduto assinado por Filinto Muller. De lá, vai para a Argentina. Depois, volta ao Rio e parte para a fazenda de Gorutuba, no município de Ituaçu (BA), na casa de sua irmã, “onde permaneceria até meados de 1937, traduzindo livros de Wells e Durant para a Editora Nacional da Civilização Brasileira” (Nunes, 2000, p. 490). Por dez longos anos, Anísio permanece na Bahia, transitando entre Salvador, Caetité e Nova Iorque, longe das disputas políticas pela educação no país.

Em 1938, meses após o golpe que instaurou o Estado Novo, Mário de Andrade é destituído do cargo de diretor do Departamento de Cultura de São Paulo. Vem para o Rio de Janeiro, a convite de Alceu Amoroso Lima, para ser diretor e professor do Departamento de Artes da UDF. Logo ao chegar, afirma que a instituição era “a coisa mais construída na areia que já encontrara em seu turismo vital” (Andrade *apud* Castro, 1989, p. 40). Sem prédio fixo, os institutos funcionavam dispersos pela região do Centro e do Catete, em condições precárias. Curiosamente, a vinda de Mário para a capital federal também é chamada por biógrafos, como Castro (1989), Jardim (2014) e Tércio (2019), de “exílio”, embora o contexto desse deslocamento tenha sido bastante peculiar e tenha, ainda, possibilitado a liberdade de cátedra de Mário por alguns anos, assegurada, talvez, por sua proximidade com Gustavo Capanema, Ministro da Educação de Vargas.

Esses dois “exilados”, Teixeira e Andrade, possuem algo em comum, para além da coexistência na mesma época e do “desencontro” na UDF? Por que não há cartas entre os dois? Será que nunca se corresponderam? Alguns mistérios envolvem a relação entre estes educadores, curiosamente parecidos em seu poder de articulação e defesa do livre pensar.

Sendo assim, este artigo propõe uma reflexão sobre o movimento de “exílio” de Anísio Teixeira, em direção ao interior da Bahia, comparando-o ao “exílio” carioca de Mário de Andrade no mesmo período. Por que um intelectual que teria condições de morar em qualquer lugar do mundo preferiu voltar à sua terra natal, em um momento tão turbulento da nossa história, no qual sofria intensa perseguição política, sendo acusado de “comunista, materialista e tapeador público” (Nunes, 2000, p. 497)? “Que tal se Anísio solicitasse uma bolsa de estudos para os Estados Unidos?” (idem, p. 494). Por que ele não o fez, tendo permanecido, por alguns anos, traduzindo livros, comercializando madeiras e dormentes de trem em uma cidade do interior ou administrando negócios familiares?

No fundo deste sertão, o silêncio e o deserto nos tornam humildes e pequenos. Ainda hoje, neste domingo – estou só, absolutamente só, há quatro semanas, em uma deserta fazenda – eu andei por veredas sem fim, a não ouvir outro ruído senão o de pássaros, o que não é um ruído... (Teixeira, 1986).

Nesse momento, Teixeira trocou muitas cartas com o amigo Monteiro Lobato. Em algumas delas, falava sobre a solidão que sentia estando afastado de sua rotina antiga na então capital federal, imerso em traduções. Dessa maneira, ainda que fisicamente no Brasil, Teixeira empreendia esforços transnacionais em trazer, para o público brasileiro, autores relevantes nos Estados Unidos. Mas, para ele, a solução para a educação brasileira não viria “registrada pelo correio, nos livros que compramos” (Teixeira *apud* Rocha, 2011, p. 236)...

Ainda que o intelectual tivesse fundado com seus irmãos, em 1939, uma Sociedade Importadora e Exportadora (SIMEL), em que trabalhavam com produtos ferroviários e exportação de minérios provenientes da região norte do Brasil (Viana Filho, 1990), o ambiente familiar de negócios reforçava seu contato com a família e sua reclusão do universo das políticas educacionais.

Anísio, desde cedo, conheceu esses dois “Brasis”. Apesar de criado em Caetité, alto sertão da Bahia, seu pai, Deocleciano Teixeira, já era herdeiro de uma cultura letrada. A própria cidade de Caetité, provavelmente devido à sua influência, recebia a alcunha de “cidade da cultura”: “a cidade, reconhecida pelos respaldos políticos e socioculturais mantidos pela elite local, mantinha-se atualizada acerca de tudo que efervescia nas capitais do país, na América Latina, na América do Norte e na Europa” (Bastos, 2012, p. 3).

Politicamente influente na região, tinha vínculos com a imprensa caetiteense, sobretudo com o jornal de maior circulação local, *A Penna*, com fins de intensificar sua propaganda política. Depois de sua morte, foi lembrado como um homem exemplar por escritores memorialistas locais; um típico “político ideal” da Primeira República, ou mesmo encarnação da imagem do “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda. “Dono de uma memória reverenciável, além do reconhecimento político e econômico, em diversos momentos ele foi posto como “exemplo” a ser seguido e admirado.” (Aguiar, 2011, p. 135).

Todos os seus filhos estudaram em Salvador ou no Rio de Janeiro. Anísio e outros dois irmãos, ao concluírem o ensino secundário na Bahia, foram estudar na capital federal, “sem, contudo, perderem de vista o retorno para Caetité” (Aguiar, 2011, p. 113). Em carta ao pai, seu irmão Jayme alega:

Como na minha carta ultima eu repito e creio, que terei mais prazer em viver ahi que em qualquer outra cidade, do que aqui no Rio e parece-me que será muito mais facil a mim, poder acumular alguma cousa para ter uma velhice folgada ahi, n’aquelles ramos que falei, do que onde a única cousa que poderei ser é empregado publico. (Teixeira *apud* Aguiar, 2011, p. 113).

Essas são as diferenças entre a vida possível no interior, com direito às regalias políticas a que a família Spínola Teixeira tinha acesso, e a vida na cidade, em que as associações cultivadas por Deocleciano seriam capazes de garantir um emprego público aos seus familiares. De qualquer forma, são manifestações de um Brasil arcaico que reflete, desde a colonização, maneiras de perpetuar relações de poder calcadas no “jeito” e na “cordialidade”, que migram das áreas rurais para as urbanas.

2. O (TRANS)NACIONAL EM ANÍSIO

Nossa proposta é contornar essa pergunta pensando na relevância do nacional e do transnacional para Anísio, já que, “como Rebecca Rogers (2019) sugere, o “transnacional” em pesquisa educacional histórica não é necessariamente uma abordagem ou uma metodologia, mas antes um ponto de vista, uma perspectiva, ou uma “postura”” (Vera; Fuchs, 2021, p. 12). Dessa maneira, o peso da frustração da implementação de um modelo escolar e universitário de base transnacional figura, paradoxalmente, como elemento importante para o exílio de Teixeira ocorrer em seu próprio país?

Desde sua atuação na Instrução Pública do Distrito Federal, na primeira metade da década de 1930, já aparece seu desejo pelo trânsito de professores brasileiros em direção ao Teachers College de Columbia, segundo Rocha (2011), o “epicentro da internacionalização da formação de professores”. Ela alega que “para implementar o novo modelo de ensino, Teixeira acreditava que era preciso enviar primeiro os professores que participavam dessas seções para especialização, onde iriam ver na prática como suas disciplinas eram ministradas” (Rocha, 2011, p. 201).

Em 1935, Anísio fundou a UDF, com uma proposta semelhante à da instituição norte-americana. No entanto, como assinala Peres (2020), o corpo docente continha a maioria dos professores brasileiros, ao contrário da recém-inaugurada Universidade de São Paulo e da Universidade do Brasil, que contavam com a presença de professores franceses.

É importante colocar em questão os sentidos do “nacionalismo” nessa época, acerca do qual até mesmo os projetos universitários orbitavam: um deles buscava uma idealização unificadora a partir do centro político e outro, uma valorização das múltiplas manifestações culturais nacionais como potencializadoras de nossa “brasilidade”. A fundação da Universidade do Brasil, em 1937, aponta o desejo de Capanema de criar um “grande projeto universitário, modelo para todo o país” (Schwartzman; Bomeny; Costa, 1984) iniciado a partir da então capital federal, onde governava Vargas.

Em carta de Mário de Andrade a Capanema, a UDF era o “único lugar de ensino mais livre, mais moderno, mais pesquisador que nos sobrava no Brasil.” Em suas palavras, “esse espírito, mesmo conservados os atuais professores, não conseguirá reviver na Universidade do Brasil, que a liberdade é frágil, foge das pompas, das pomposas e das pesadas burocracias” (Schwartzman, 1984, p. 370). Inspirada no Teachers College de Columbia, seu “grande propósito era ser uma instituição de pesquisa científica, literária e artística, contribuindo para o aperfeiçoamento da cultura brasileira” (Peres, 2020, p. 62). Além disso, o discurso de sua inauguração, realizado por Teixeira, foi fortemente influenciado por seu contato com a experiência da Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos:

Ninguém até hoje mais profundamente sentiu a necessidade de educação popular primária do que Jefferson, que declarou, certa vez, em 1823, que se tivesse que escolher entre o ensino primário e a universidade, mais facilmente fecharia esta do que aquele, de tal modo lhe parecia importante para o seu país a difusão entre a massa, dos conhecimentos essenciais. Raros homens de estado, entretanto, podem se orgulhar, como Jefferson, de terem deixado de sua vida um momento tão imperecível como a Universidade de Virgínia, carinhosamente fundada, organizada e constituída pelo grande espírito da democracia no Novo Continente. E o fez em período em que o ensino primário em seu país apenas se iniciava, não estando sequer fundada a primeira escola normal de professores primários.

Nesta própria América do Norte, as grandes e famosas Universidades datam de muitas dezenas e, por vezes, centenas de anos antes de se pensar em um sistema de educação pública para todos. É que nenhum país do mundo, até hoje, julgou possível construir uma cultura de baixo para cima, dos pés para a cabeça. Para haver ensino primário, é necessário que exista antes o secundário e para que o secundário funcione, é preciso que existam Universidades (Teixeira *apud* Peres, 2020, p. 61).

Isso não quer dizer, no entanto, que não houvesse nacionalismo na proposta da UDF: ela, assim como a Universidade do Brasil, tinha como propósito a edificação da “cultura brasileira”. No entanto, parecem ser modos diferentes de enxergar a construção deste sentimento de nacionalidade, discussão tão cara naquele início de século. A UB olha apenas para dentro de suas fronteiras, tendo como eixo a capital política, com o ideal de “fixar um padrão de ensino superior de todo o país” (Schwartzman, 1984, p. 207). Já a UDF, com um projeto calcado na autonomia dos distritos em relação ao governo federal, somado a diversas razões apontadas por Peres (2020), busca construir esse nacional de um modo “antropofágico”, para usar o conceito de Oswald de Andrade, incorporando elementos de outras culturas, como uma instituição de perfil mais experimental, de pensamento livre (mas não menos rigoroso).

O panorama histórico-cultural do Brasil nos anos 1930 indica que é difícil, mesmo para um pensador como Teixeira, abandonar de vez o conflito entre o nacional e o transnacional. E é nesse contexto, entre interior e exterior, que, em 1937, ele retorna a Caetité. Devido ao afastamento dos cargos de importância no Rio de Janeiro e à reclusão em que se encontra, muitos pesquisadores chamam tal momento de sua vida de “exílio”, sempre entre aspas.

Há, no entanto, uma contradição no uso deste termo. Pensando geograficamente, Caetité é sua casa, sua terra de origem e, em um primeiro olhar, local oposto àquele que seria ideal para um “exílio” em sua vida. Por que a escolha, naquele momento, por retornar à casa, às raízes – em certa medida, à paisagem “nacional” que lhe seria mais familiar?

3. EXÍLIO E MORADA

É um desafio pensar a ideia de exílio, de “fora” e de “dentro”, ou mesmo de nacional e transnacional, em um país de dimensões continentais como o Brasil. Para isso, é importante considerarmos as diferenças entre a paisagem rural, arcaica, dos interiores e o projeto de modernização presente na então capital, de inspiração francesa. Enquanto, na Bahia, Anísio trabalhava com sua família, em atividades de tradução, mineração e de comércio, tendo a companhia da família e das “lavadeiras-de-nossa-senhora”, pássaros que iam em sua janela todas as manhãs; no Rio de Janeiro, possivelmente, tinha a companhia dos colegas de trabalho e amigos nas ruas do Catete, após um exaustivo expediente na Direção da Instrução Pública.

A UDF se localizava em prédios nas imediações do Palácio do Catete, onde residia Vargas. Segundo Peres (2020), a escolha do local não foi aleatória: “com a República, [o bairro] torna-se povoado de estudantes, escritores, jornalistas, militares e funcionários públicos. Resultante desse processo, foram construídos hotéis, pensões, casas de cômodos e tornou-se espaço para o divertimento de populares.” (Peres, 2020, p. 72). No entanto, não se pode esquecer a relevância política de estar ao lado da morada e local de tomada de decisões do então presidente. Era um bairro, assim, de efervescência política e cultural, possibilitando diversas redes de sociabilidade pelos bares e cafés onde se reuniam os intelectuais, como Mário de Andrade em seus anos cariocas.

Não à toa, a UDF tinha “disposição de ser uma instituição empenhada em dar o acesso às manifestações artísticas culturais para a comunidade carioca”. A finalidade era construir “uma comunidade governada por um espírito comum e comuns ideais” (idem, p. 76), como afirma Anísio no discurso de inauguração da Universidade.

Paralelamente a tal realidade, “exilado” no sertão, Anísio teria a proteção do *status* que tinha a sua família contra possíveis ataques políticos. Eis uma hipótese que pode nos fazer entender melhor a razão de sua permanência no Brasil de 1935 a 1945, em vez de optar por solicitar uma bolsa de estudos nos Estados Unidos, já que a guerra fazia da Europa uma opção inviável. Voltado ao círculo familiar, Anísio veria o nascimento de seus filhos, tocaria os negócios dos pais e viveria “em compasso de espera”, acreditando que a situação política pudesse melhorar – o que de fato aconteceria no pós-guerra – e que logo retomasse a atuação no campo educacional. Isso de fato acontece. No entanto, o cenário pioraria novamente em 1964, após o golpe que instituiu a ditadura civil-militar, e culminaria em seu assassinato em março de 1971, decorrente da perseguição a intelectuais contrários ao regime que se deu nesse período.

4. (DES)ENCONTROS

É interessante imaginar que estes dois “exilados” brasileiros no Brasil varguista – Anísio e Mário – não tenham se encontrado física ou epistolarmente nos anos 1930. O “exílio” de Mário, no entanto, foi bastante diferente do de Anísio – até mesmo oposto, em alguns sentidos – relacionando-se mais ao distanciamento de sua família, radicada em São Paulo, e à associação aos quadros agenciados por Gustavo Capanema no recém criado Ministério da Educação e Saúde. Além disso, seu “exílio” foi na capital federal, e não em uma cidade do interior nordestino. Ele residiu entre os bairros do Catete e de Santa Teresa entre 1938 a 1941 e lecionou na UDF durante dois desses anos, acompanhando, portanto, o desmantelamento do projeto universitário de Anísio, fato que ele lamentou muito.

No âmbito biográfico, Mário também guardava uma série de diferenças em relação a Anísio, relacionadas a classe social, raça e sexualidade. Como analisam Botelho e Hoelz (2022),

Mulato, distante do padrão heteronormativo e pobre – ao menos a ponto de depender do seu próprio trabalho intelectual para sobreviver – Mário viveu, sobreviveu e morreu numa sociedade classista, racista e homofóbica como era a sociedade brasileira da sua época e ainda é a sociedade brasileira hoje. (Botelho; Hoelz, 2022, p. 16).

Entretanto, a atuação na UDF se mostra como uma interseção nas trajetórias de vida dos dois educadores. Segundo Peres (2021), a docência de Mário de Andrade na Universidade foi proveitosa, pois os ideais que defendia

estavam em sintonia com um dos objetivos do Instituto de Artes da UDF presentes nas Instruções de nº 1, em seu artigo 49, parágrafo 5, que trata dos projetos de extensão que tinham como finalidade a obra de difusão da Cultura em diversos setores da sociedade, especialmente nos locais onde se concentravam as camadas populares. (Peres, 2021, p. 257).

Quem convidou Mário para lecionar na Universidade foi seu último reitor, Alceu Amoroso Lima, relacionado ao grupo de educadores católicos. Segundo Castro, ele “teve grande responsabilidade na demissão de Anísio Teixeira da secretaria de Educação do DF”; acusava-o de executor de “ideias pedagógicas que logicamente terminariam no comunismo” (Castro, 1989, p. 41). Mário e Anísio, assim, possivelmente nunca se viram pelos corredores da Universidade.

Não se pode afirmar, no entanto, “que o cargo assumido por Mário de Andrade tinha o valor equivalente ou superior ao que ele havia perdido em São Paulo e lhe possibilitou pôr em prática o seu projeto de democratização cultural” (Peres, 2021, p. 258), uma vez que biógrafos como Tércio (2019) e Jardim (2014) afirmam que seu salário no Rio era menor, além de o prestígio que ser Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo lhe oferecia ter figurado, em sua visão, como o auge de sua atuação profissional. Ele desabafa, em carta ao amigo Paulo Duarte datada de 1939:

Estou literalmente desesperado, não aguento mais esta vida do Rio, e ou acabo comigo ou não sei. Pra disfarçar as mágoas, vivo bêbado. Tomo porres colossais, dois ou três por semana. Os outros dias me trato. O último médico que me examinou, poucos dias faz, me garantiu que tenho todas as vísceras esculhambadas pelo álcool e estou condenado à morte. Morte, melhor que a vida, quem não te ama! (Castro, 1989, p. 85).

Vivendo um momento histórica e psicologicamente conturbado, Mário não vai para o Rio espontaneamente com o “intuito de fortalecer o ideário modernista e encontrou no IA da UDF a oportunidade para dar continuação aos seus projetos” (Peres, 2021, p. 258). Vai a contragosto, deprimido e cada vez mais reflexivo quanto à sua participação no modernismo dos anos 1920. Sendo assim, em vez de considerar a UDF como centro “modernista” de formação de professores devido à influência do corpo docente, com muitos membros relacionados a esse movimento literário, parece-nos interessante inverter a perspectiva e conjecturar se esses professores – no caso deste artigo, especialmente Mário de Andrade – incorporavam ideais escolanovistas em seus projetos, embora não tenham assinado o Manifesto de 1932. Esta é a relevância de investigar possíveis interseções entre ele e Anísio,

leitor e difusor da obra de Dewey, Kilpatrick e outros pensadores desse diverso movimento escolanovista no Brasil, compreendendo a existência (ou não) de suas redes de sociabilidade.

Segundo Nunes (2000), “o sentimento de pertencer a um certo grupo se traduzia (...) também por uma linguagem e uma temática que compartilhavam e por meio das quais se reconhecem e foram conhecidos” (Nunes, 2000, p. 345), ainda que os sujeitos analisados aqui não necessariamente pertencessem a um mesmo “hub”, como a Associação Brasileira de Educação (ABE), da qual Anísio foi integrante, mas de que Mário nunca participou. Além disso, foi recentemente que Mário começou a ser reconhecido por estudiosos como educador, embora tenha sido, durante toda a sua vida, professor de piano no Conservatório Dramático de São Paulo e, nos anos de “exílio” carioca, professor do Instituto de Artes da UDF, e de ter empreendido reformas de democratização do acesso à cultura e a direitos básicos do cidadão, como os Parques infantis em São Paulo, que muito se assemelham aos projetos de Anísio na Diretoria de Instrução Pública.

Peres (2021) reconhece essas semelhanças, ao abordar o texto da conferência dada pelo autor de *Macunaíma* na inauguração do IA da UDF, “O Artista e o Artesão” (1938), em que Mário critica o ensino de arte pautado pela “virtuosidade” e aponta para a importância do desenvolvimento de uma técnica pessoal empreendida a partir do manejo “artesanal” do material com que se está lidando e do domínio de teorias estéticas. Esses princípios se coadunam com o objetivo principal do Instituto, que era “o despertar de uma consciência artística e o desenvolvimento de uma técnica pessoal, sem limitar o artista a padrões estabelecidos rigidamente” (Peres, 2021, p. 262).

No entanto, há observações pertinentes a se fazer quanto à postura de Mário como professor na Universidade. Em carta destinada ao seu amigo Sergio Milliet datada de dezembro de 1938, ele desabafa sobre situações de sala de aula que o impactaram, demonstrando, também, uma ruptura com alguns aspectos de sua personalidade em relação ao primeiro momento modernista:

Sempre fui um otimista. Mas agora, se já na aula inaugural, demonstrara vago o meu negativismo, sem querer, subrepticiamente, o que me movia em meus cursos era uma verdadeira intenção de solapar intelectualmente os meus alunos. Na intenção maldosa, cheguei mesmo a dar aulas brilhantes, os alunos ficavam presos, todos ficaram meus amigos todos me querem muito bem, mas, como me disse uma das minhas alunas mais inteligentes, “minhas aulas faziam mal”, havia momentos em que ela tinha um verdadeiro malestar (sic). Só então entrei em mim, e isto fazem apenas três aulas, e mudei de rumo, porque no fundo do fundo sou bom. Abandonei a ironia abandonei o sarcasmo com que às vezes durante quinze minutos afirmava e definitivamente provara uma afirmativa, pra depois de um golpe, destruí-la, abandonei a impassibilidade de não dar opinião, e foi um esplendor. [...] Estava um grupo conversando de alunas, as telas por ali, comentando as aulas novas, passei, ela correu, me puxou pelo braço, levou por meio delas e “Estamos comentando suas aulas. Estas últimas então, estiveram desacatantes”. (Duarte, 1977, p. 314).

É visível a sua preocupação quanto à preparação das aulas da UDF, pautada não pela ida pregressa a Universidades do exterior, mas pela leitura minuciosa e atenta de obras literárias e filosóficas e pela intensa produção de artigos e pesquisas. Ele relata ao amigo Paulo Duarte que:

A vida que estou levando é assim. Estudo, aulas, direção do Instituto de Artes. Uma pureza exterior incomparável. No princípio ainda foi bom: fazia três anos que eu não estudava por estudar, não especulava por filosofar, não lia um livro inteiro, só consultava. Me atirei com uma volúpia indizível ao estudo e à literatura. Mas a imaginação – essa doida – me fez ter a má idéia de fundir os dois cursos que faço, o de História da Arte e o de Filosofia de Arte, num só curso. O de uma, que chamaríamos, Filosofia da Arte, através da sua História, ou melhor por síntese, uma História filosófica da arte. O resultado é que estou fazendo um curso, quase uma matéria, uma disciplina nova. E isso me obriga a tal dose de estudos, comparações, pesquisas, premidos pelo tempo das aulas (4 por semana) que estou me fatigando bem, não sei se agüento. (Duarte, 1977, p. 162).

O polígrafo afirma que fazia três anos que “não estudava por estudar” porque, de 1935 a 1938, ocupara o cargo de Diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, que a princípio seria um modelo para uma instituição desse porte em nível nacional – plano que foi interrompido após a sua demissão forçada do posto.

Apesar de ter se correspondido com professores e pesquisadores franceses, latinoamericanos e estadunidenses, fez poucas viagens durante a vida e nunca visitou os Estados Unidos, tendo recusado diversos convites, conforme consta em uma de suas missivas a Manuel Bandeira:

Tenho uma consulta a lhe fazer, aliás sem enorme importância porque onde vem a coisa não tem importância. Numa sátira de combate, que aliás não publico porque não convém, pois sou ‘Nações-unidas’, eu escolho os EE. UU. por causa da linha de cor. A ideia nasceu da irritação que me causaram as várias recusas (que fui obrigado a explicar) escusas dolorosas aos convites de ir visitar os States. Pois não vou numa terra que tem a lei do Linch. (Grillo, 2017, p. 31).

O autor de *Macunaíma* faz críticas severas ao racismo predominante nos Estados Unidos, denunciando um preconceito que sofria, também, em nível pessoal. Grillo (2017) analisa a questão, de forma a concluir que “em relação aos EUA, a recusa em comparecer a eventos afirma o posicionamento político de um democrata que impele práticas racistas; no campo artístico, nasce mais uma poesia de combate” (Grillo, 2017, p. 31). Para Mário, a arte (incluindo a poética) tinha a finalidade de servir a um propósito calcado nos ideais democráticos, distanciando-se das concepções de que esta deveria existir de forma desinteressada.

As aulas de Mário pareciam ser expositivas ou expositivo-dialogadas, abordando aspectos filosóficos e históricos da arte a partir de seus comentários sobre conceitos e autores, frutos de seus inúmeros estudos que, naquele ano, em especial, o consumiam abundantemente. Para fazer uma análise mais profunda do programa da disciplina que oferecia e de seus métodos de ensino, entretanto, seria necessária uma imersão em outros documentos para além de sua epistolografia. Há, no entanto, um trecho de sua aula inaugural que nos ajuda a compreender este seu lugar de professor-comentador:

Vou apenas ensaiar um sistema de conversas que, através da História da Arte, consiga dar aos meus companheiros de curso, muito mais uma limitação dos conceitos que uma fixação deles. Um curso que, pelo seu aspecto de experimentalismo crítico sobre a História da Arte, será muito mais o convite à aquisição de uma séria consciência artística que a imposição de um sistema estético, de uma estética perfeitamente orgânica e lógica e, por isso mesmo, para o artista, asfixiante e eneguedora. (Andrade, 1938, p. 26).

Também é interessante analisar o programa do curso “Educação e o espírito moderno”, ministrado por Teixeira no Instituto de Educação. De acordo com Vidal (2005), as aulas foram planejadas por ele a partir dos temas:

- 1 - Natureza - Homem - Ciencia
 - 2 - Homem e Sociedade
 - 3 - Experiência e Aprendizagem
 - 4 - Necessidades e Aspirações humanas - sua realização e seus limites
 - 5 - Experiência, vida e educação - educação como reconstrução da experiência
 - 6 - O processo educativo e sua direção
 - 7 - Os objectivos da educação e as matérias de ensino
 - 8 - O programa escolar: sua organização e sua execução
 - 9 - A ordem escolar (disciplina e liberdade)
 - 10 - A escola e a reconstrução da vida humana
- (Grifos do autor). (Teixeira *apud* Vidal, 2005, p. 10).

Vidal observa, mais detalhadamente, que o professor abordava, em suas aulas, conflitos sociais da época e fazia questionamentos de caráter filosófico a partir de questões do cotidiano. Um dos textos localizados pela pesquisadora, de estrutura semelhante à de um exercício, expunha os seguintes tópicos:

1 - Considerar o seguinte:

- O último terremoto, no Japão, causou a morte a mais de 2.000 pessoas;
- Secas e epidemias dizimam constantemente culturas e criações;
- Trinta milhões de sacas de café foram destruídas no Brasil, para equilíbrio do mercado;
- Suicida-se, no Rio de Janeiro, uma pessoa por dia;
- A saúde e a nutrição, no Brasil, são grandemente deficientes;

e ao mesmo tempo:

- A população do mundo é, dia a dia, maior;
- A riqueza humana é, dia a dia, maior;
- A actividade humana é, dia a dia, mais intensa e mais ampla;
- A insatisfação e inquietação, por maiores que sejam, são menores do que o desejo de fazer, de realizar, de ser activo

a) que revelam esses factos quanto à natureza do mundo e à do homem?

b) ajustam-se ellas, uma a outra, ou são contradictórias?

c) precariedade e contingência são indispensáveis ao homem para que elle viva, ou a segurança e a fatalidade é que verdadeiramente o tornariam feliz?

d) qual a verdadeira origem das diferentes doutrinas a respeito?

(Grifos do autor). (Teixeira *apud* Vidal, 2005, p. 11).

Com a finalidade de compreender como se deu o desenvolvimento prático destas anotações nas aulas ministradas por Teixeira, Vidal recolheu informações de entrevistas feitas a algumas de suas ex-alunas. Uma delas – Iva Bonow – alegou que suas aulas “não eram fáceis”: Não era fácil de entender, fácil de estudar. Ele [Anísio] sempre obrigava a gente a coisa mais importante que é pensar. É importante. É difícil.” (Vidal, 2005, p. 11). O professor exigia das alunas uma “presença ativa” (idem, p. 12) nas aulas, para que conseguissem acompanhar a discussão dos problemas apresentados, que eram tratados como problemas, questões, e não como uma sequência de conteúdos exposta e transferida unilateralmente pelo professor. Acerca dessa proposta, conclui que “a organização lógica, o fio que interligava os vários enunciados era construído por Anísio. Mas a maneira aberta da formulação dava margem ao debate, incitando a uma reflexão que mesclava conceitos filosóficos a problemas práticos” (idem, p. 13).

Essa estratégia remonta às teorias educacionais de Dewey, que considerava a filosofia de sua época não como uma abstração desconexa da realidade, mas como algo que se poderia extrair dos acontecimentos cotidianos. Nos tempos modernos, segundo ele, “a filosofia desistiu das causas finais e da verdade eterna para chegar em meio aos homens e debater com elle os seus problemas usuas” (Teixeira *apud* Vidal, 2005, p. 12). Assim, “a prática docente de Anísio parecia incitar uma postura reflexiva às alunas” (Vidal, 2005, p. 14), dialogando com as tendências educacionais escolanovistas.

Como Escola de Professores, o Instituto de Educação foi incorporado à UDF em 1935, quando de sua criação, seguindo o propugnado pelo Manifesto dos pioneiros em 1932. Célula mater da nova universidade, o Instituto representava a orientação geral que deveria impregnar seus trabalhos.

Para além da análise dos (des)encontros entre o projeto institucional da Universidade idealizada por Teixeira e o posicionamento de Mário enquanto professor e a atuação docente de ambos, a leitura do fluxo epistolar entre autores da época também nos ajuda a compreender a existência de redes de sociabilidade entre eles.

Um correspondente em comum entre os dois é Monteiro Lobato, amigo com quem Anísio se correspondeu diversas vezes em seu “exílio” em Caetité. No entanto, ele não tinha boa relação com Mário. Divergiam sobre posições mais conservadoras, por parte de Lobato, e mais experimentais, por parte de Mário, referentes às artes e à literatura da época. Na década de 1920, haviam discutido sobre esses assuntos em correspondências. Em 1940, Mário declara, a respeito da relação dos dois, no *Diário de Notícias*:

O sr. Monteiro Lobato, a pedido de um amigo comum daqueles tempos, prontificou-se a editar Pauliceia desvairada depois do merecido escândalo que causou a publicação de apenas um dos horríveis poemas desse livro. Mas o sr. Lobato hesitava muito. [...] Enfim, mandou me chamar, me acolheu muito bem, e disse franco o seu pensamento sobre o livro, ou melhor, o seu não-pensamento, pois confessou não compreender neres daquilo tudo. (Lajolo, 2008, p. 158).

O livro *Paulicéia desvairada* foi publicado em 1922, quando Mário tinha apenas 25 anos e Lobato, 34. Em seu texto, percebemos também certa ironia ao descrever a maneira como achava que Lobato o enxergava: um “vago professorzinho de piano, que fazia versos malucos nas suas horas de iluminação” (idem, p. 158). Talvez o ressentimento em relação ao gesto antipático de Lobato tenha perdurado e, mesmo em 1930, quando ele propôs fazer a tradução de Macunaíma para o inglês, estando em Nova York, Mário respondeu à oferta com reservas, problematizando a possibilidade de tradução de uma obra tão experimental.

Ainda assim, Mário alega só ter rompido definitivamente com Lobato “quando ele fez a mesma coisa, e já agora injustificadamente, com um livro de poesias do sr. Manuel Bandeira” (ibidem, p. 158), que era grande amigo seu. Além disso, é conhecida a polêmica criada por Lobato em torno da exposição de Anita Malfatti, em 1917, em que julga, de forma rígida, os quadros feitos pela pintora, que havia retornado há pouco tempo da França, com uma bagagem artística vinculada às vanguardas europeias. O autor de *Remate de Males* alega, no entanto, guardar “ternura imensa” pelo de Urupês, sinalizando o “despeito e a superioridade” que guardava em relação a ele.

Por outro lado, a amizade entre Anísio e Lobato se intensificou nos anos 1930 e 1940. Em carta, o autor de *Reinações de Narzinho* diz a Teixeira:

Recebi o seu livro [supostamente Instrução Pública no Estado da Bahia, Imprensa Oficial, 1928] e estou a lê-lo com o interesse e simpatia que me causam os trabalhos “pensados”. Que penetração, que visão segura do problema! Poucas vezes na vida tenho encontrado inteligência lúcida como a sua e tão penetrante. Se no Brasil houvesse ressonância para as ideias esse livro calaria fundo e marcaria época. Infelizmente as coisas são o que são. Poucos lerão o seu trabalho – e menos ainda o entenderão (...) (Lobato *apud* Bastos, 2012, p. 6).

Fica claro, assim, que Lobato compreendia e admirava o trabalho de Teixeira, ao contrário do que pensava sobre a poesia de Mário. Esse conflito aponta, também, para diferenças entre o meio educacional e o literário nesta época. Muitas vezes, os debates sobre educação, embora tivessem conteúdo inovador e vanguardista, não acompanhavam o devir de formas artísticas mais disruptivas, como as propostas por Mário em torno da agitação cultural da Semana de 1922 e do primeiro tempo modernista.

Essas são apenas hipóteses para o desencontro entre Anísio Teixeira e Mário de Andrade, que parecem só ter se “encontrado” por intermédio de terceiros – estudiosos que lhe atribuíram a denominação de “exilados” dentro do próprio país durante a ditadura do Estado Novo –, por terem atuado em algum momento na UDF ou mesmo por terem se relacionado com Monteiro Lobato, outro escritor emblemático da nossa literatura. A morte prematura de Mário em 1945, enquanto Anísio ainda transitava pelos sertões da Bahia, talvez tenha ceifado a possibilidade de um contato direto entre os dois, passados os anos do governo autoritário de Vargas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou explorar hipóteses quanto à permanência de Anísio em Caetité durante os anos de 1935 a 1945, bem como quanto ao desencontro entre ele e o escritor e educador paulistano Mário de Andrade, também “exilado” dentro das fronteiras brasileiras na mesma época. Dois “exílios” peculiares, comumente tratados “entre aspas”, mas muito diferentes um do outro.

Observamos, assim, que, enquanto para Teixeira o “exílio” foi uma possibilidade de estar em segurança, protegido pelo *status* social de sua família e meio de manutenção econômica, para Andrade foi um momento de instabilidade, tanto emocional quanto sobre os rumos políticos do país, em que precisava atuar como um “malabarista do Estado Novo” (Castro, 1989, p. 38) para garantir sua empregabilidade em cargos públicos de relevância, como o de professor da UDF.

Na busca por redes de sociabilidade que pudessem unir os dois educadores, sublinhamos o contato em comum que possuíram com Monteiro Lobato, ainda que isso tenha servido, talvez, como mais um indício para a desconexão entre eles do que para um possível encontro. Posteriormente, seria proveitoso também fazer uma leitura da extensa correspondência trocada entre Mário de Andrade e Alceu Amoroso Lima (último reitor da UDF), educador católico ideologicamente contrário à instituição fundada por Teixeira, a fim de continuar rastreando essas possíveis redes.

Refazer percursos de (des)encontros e (des)conexões entre intelectuais brasileiros tão icônicos do século XX é uma tentativa de recompor, a partir de um mosaico de cartas, falas, biografias e documentos institucionais, relações que nos ajudem a compreender melhor seu legado, evitando um olhar engessado sobre sua biografia e sua obra. Por outro lado, incita a problematizar a configuração das redes, seus princípios de organização e estratégias de governança (Fuchs, 2007). Simultaneamente emula a explorar as tramas de afeto e amizade que enredam os sujeitos, ou de desafeto e inimizade que os afastam (Sirinelli, 2003), revelando aspectos menos visíveis dos contornos da política cultural e educacional no Brasil dos anos 1930. O trânsito desses intelectuais, limitado por fronteiras nacionais ou não, e a visualização dessas redes constituem um campo de estudos interdisciplinar que vem sendo cada vez mais explorado pela academia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, Lielva Azevedo. *“Agora um pouco da política sertaneja”*: A trajetória da família Teixeira no Alto Sertão da Bahia (Caetité, 1885-1924). Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira. 168f. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2011.
- Barbosa, Ana Mae. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- Bastos, Luciete de Cássia Souza Lima. *Memórias narrativas de um educador sertanejo: a correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Anais do VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade: São Cristóvão (SE), 2012.
- CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: Exílio no Rio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- VIANA FILHO, Luis. *Anísio Teixeira: a polêmica da educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FUCHS, Eckhardt (2007). *Networks and the History of Education*, *Paedagogica Historica*, 43:2, 185-197, DOI: 10.1080/00309230701248271.
- GRILLO, Angela Teodoro. *Ao som do jazz... Os Estados Unidos da América na poesia de Mário de Andrade*. In Iha do Desterro v. 70, nº1, p. 027-037, Florianópolis, jan/abr 2017.
- LAJOLO, Marisa. *Mário de Andrade e Monteiro Lobato: um diálogo modernista em três tempos*. Teresa revista de Literatura Brasi-

leira [819]; São Paulo, p. 141-160, 2008.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. Bragança Paulista (SP): EDUSF, 2000.

PERES, José Roberto Pereira. *A experiência docente de Mário de Andrade no Instituto de Artes da UDF*. Revista de Ensino em Moda, Artes e Design, v. 5, n. 1, p. 246 - 270, ISSN 2594-4630, fev. - mai. 2021.

PERES, José Roberto Pereira. *O Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal: uma experiência modernista de formação de professores*. 264p. Tese de Doutorado. Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Coelho da Costa. PUC-Rio, 2020.

ROCHA, Ana Cristina Santos Matos. *Experiências norte-americanas e projetos de educação no Distrito Federal e em São Paulo (1927-1935)*: Anísio Teixeira, Noemi Silveira, Isaías Alves e Lourenço Filho. 271p. Tese de Doutorado. Orientador: Prof. Dr. Robert Wegner. FIOCRUZ, 2016.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena; COSTA, Vanda. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Editora Paz e Terra, 1984.

SIRINELLI, Jean François. “Os Intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2a.ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 231-269.

VERA, Eugenia Roldan; FUCHS, Eckhardt. *O transnacional na história da educação*. In Educ. Pesqui., São Paulo, v. 47, e470100301, 2021.

TEIXEIRA, Anísio; LOBATO, Monteiro. *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Anísio Teixeira, professor de professoras: um estudo sobre modelos de professor e práticas docentes (Rio de Janeiro, 1932 – 1935)*. In Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 5, n.16, p. 293-314, set./dez. 2005.